

# QUESTÕES SOBRE AUTENTICIDADE E GÊNERO LITERÁRIO NA *HISTORIA CALAMITATUM* DE PEDRO ABELARDO

## ISSUES REGARDING AUTHENTICITY AND LITERARY GENRE IN PETER ABELARD'S *HISTORIA CALAMITATUM*

Rafael Bosch<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende discutir questões sobre autenticidade e gênero literário na carta intitulada *Historia Calamitatum*. Escrita pelo monge e filósofo Pedro Abelardo por volta de 1132, ela é a primeira carta da correspondência trocada entre ele e sua esposa, Heloísa de Argentuil. Objeto de diversas polêmicas, trata-se de um texto de grande importância para os estudiosos do período. Para muitos, da sua autenticidade depende nosso conhecimento do século XII. Portanto, para cada interpretação a esse respeito, um novo sentido é dado ao texto.

**Palavras-chaves:** Pedro Abelardo; *Historia Calamitatum*; Autenticidade.

**Abstract:** This article aims to discuss some issues regarding authenticity and literary genre in the letter entitled *Historia Calamitatum*. Written by the monk and philosopher Peter Abelard around the year 1132, it is the first letter of the correspondence exchanged between him and his wife, Heloise of Argentuil. Subject of several controversies, it is a very important text for scholars of the period. For many, in their authenticity lays our knowledge of the twelfth century. Therefore, for each interpretation on that matter, a new meaning is given to the text.

**Keywords:** Peter Abelard; *Historia Calamitatum*; Authenticity

### Introdução

Poucos documentos medievais ficaram tão famosos e conhecidos como a correspondência de Pedro Abelardo (1079 – 1142) e Heloísa de Argentuil (c. 1090 - 1164). Certa vez, Étienne Gilson, historiador da filosofia medieval, escreveu que, apesar de todo o seu esplendor, o século XII seria opaco se não fosse por ela. Mais ainda, essa

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Cultural pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sob orientação da Profa. Dra. Néri de Barros Almeida. Pesquisador do LEME-Núcleo UNICAMP. Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro durante a realização da pesquisa de mestrado, que possibilitou a escrita desse artigo. Contato: rafael.bosch@outlook.com

correspondência definiria todo o século XII<sup>2</sup>. Não nos cabe entrar no mérito dessas afirmações, mas sim questionar nosso conhecimento sobre tal documento. Abelardo foi filósofo, teólogo e mestre de escola. Por volta de 1117, quando era professor na escola catedral de Paris, conheceu a jovem Heloísa de Argenteuil, que era conhecida “pela abundância dos conhecimentos literários”<sup>3</sup>. Não tardou até que iniciassem um relacionamento e Heloísa engravidasse de Abelardo. Embora tenham se casado, o cônego Fulberto, tio e responsável da jovem, ficou furioso com a situação e ordenou com que Abelardo, na escuridão da noite, fosse castrado. Assim, por volta de 1118, além de ter ordenado Heloísa a se tornar monja, Abelardo também se abrigou no claustro monástico, mais por conta da “confusão da vergonha” do que “pela vocação de uma vida religiosa”<sup>4</sup>. Tomou a abadia de S. Denis em Paris como refúgio, no entanto sua estadia foi conturbada. Por conta de diversos problemas com seus novos irmãos e uma condenação por heresia no concílio de Soissons em 1121, Abelardo, com a ajuda de alguns amigos, fundou o Paraclete, um oratório próximo ao rio Ardusson, também em Paris. Sentindo-se pressionado por seus críticos e temendo uma nova condenação, Abelardo abandonou o Paraclete para se tornar abade do mosteiro de Gildas-Rhuys, na Bretanha, em c. 1127. O comportamento de seus novos irmãos não era compatível ao de monges que eram e, ao tentar corrigi-los, Abelardo foi vítima de algumas tentativas de homicídio.

Essas informações biográficas são encontradas na *Historia Calamitatum*, carta que Abelardo teria escrito, por volta de 1132, a um amigo não-nomeado. Esse texto, supostamente, teria caído por acaso nas mãos de sua esposa. Ao lê-lo, Heloísa teria escrito uma carta ao seu marido cobrando-o por nunca ter escrito a ela e, embora fosse abadessa do Paraclete, declarou seu amor a ele: “Invoco a Deus como testemunha, se Augusto, Imperador de todo o Universo, se dignasse dar-me a honra do matrimônio, e me concedesse para sempre a direção de todo o Mundo, mais caro e mais significante me pareceria ser denominada tua meretriz, antes que a sua Imperatriz”.<sup>5</sup> Ao respondê-la, Abelardo trata-a como uma monja e defende-se afirmando que

Se [...] eu ainda não te escrevi algumas palavras de consolação nem de exortação, isso não deve ser atribuído à minha negligência, mas à tua sabedoria, na qual sempre muito confio.[...] Pois a graça divina abundantemente te enriqueceu com o que era necessário para que pudesses, tanto com palavras quanto com exemplos, ensinar os que erram, consolar os

---

<sup>2</sup> ÉTIENNE, Gilson. *Heloísa e Abelardo*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 117 e 177.

<sup>3</sup> “*per habundantiam litterarum erat suprema*” PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*” in LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 24. A partir desta nota, iremos nos referir à *Historia Calamitatum* somente como *H.C.* As traduções dos textos em latim são de nossa autoria, baseada em uma comparação entre o original e outras traduções, quando disponíveis.

<sup>4</sup> “*In tam misera me contritione positum, confusio, fateor, pudoris potius quam deuotio conversionis, ad monastichorum latibula claustrorum compulsi*”. Idem, p. 48.

<sup>5</sup> “*Deum testem inuoco, si me Augustus uniuerso presidens mundo matrimonii honore dignaretur, totumque mihi orbem confirmaret in perpetuo presidendum, karius mihi orbem confirmaret in perpetuo praesidendum, karius mihi et dignius uideretur tua dici meretriz quam illius imperatrix*”. HELOÍSA DE ARGENTEUIL. “Epistola II” in LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 132.

pusilânimes e exortar os indecisos, da maneira como já há algum tempo te habituaste a fazer<sup>6</sup>.

Heloísa não compartilhava da opinião de Abelardo. Além de culpar a Deus pela castração e demais injustiças que seu esposo sofreu, afirmava que:

Se verdadeiramente confesso a fraqueza do meu miserável coração, não vejo com que penitência posso aplacar a Deus, que sempre critico por causa daquela injustiça de suma crueldade, e revoltada contra seus desígnios, mais O ofendo com minha indignação do que consigo acalmá-lo com a reparação da penitência<sup>7</sup>.

Ela também era incapaz de esquecer da vida de casal: “Além do mais, de que modo, qualquer que seja o sofrimento do corpo, pode-se falar de penitência dos pecados, se o espírito ainda conserva a vontade de pecar e arde por causa dos antigos desejos?”<sup>8</sup>.

Em sua resposta, Abelardo buscou minimizar o passado matrimonial: “O meu amor, que envolveu nós dois nos pecados, deve ser chamado de concupiscência e não de amor. Eu saciava em ti minha volúpia e isto era tudo o que eu amava”<sup>9</sup>. Heloísa, como monja, era a esposa de Cristo antes de ser a sua, e por isso deveria chorar pelo seu “reparador, não teu corruptor, o redentor, não o devasso, o Senhor que por ti morreu e não o escravo que está ainda vivo”<sup>10</sup>. O encerramento de sua epístola não poderia ser mais claro: “Saudações no Cristo, ó esposa de Cristo. Passe bem no Cristo e para o Cristo vive”.<sup>11</sup> O que se seguiu, então, foi mais uma carta em que Heloísa, abandonando o tom de esposa, dirigia-se a Abelardo como um guia espiritual do Paracleto, pedindo-lhe que escrevesse a respeito da história do monaquismo feminino e que compusesse

---

<sup>6</sup> “[...] *nondum tibi aliquid consolationis uel exhortationis scripserim, non negligentie mee sed tue, de qua semper plurimum confido, prudentie imputandum est. Non enim eam his indigere credidi, cui abundanter quecumque necessaria sunt diuina gratia impertiuuit, ut tam uerbis scilicet quam exemplis errantes ualeas docere, pusillanimes consolari, tepidos exhortari, sicut et facere iam dudum consueuisti cum sub abbatissa prioratum obtineres*”. PEDRO ABELARDO. “Epístola III” in LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 142.

<sup>7</sup> “*Si enim uere miserrimi mei animi profitear infirmitatem, qua penitentia Deum placare ualeam non inuenio, quem super hac semper iniuria summe crudelitatis arguo et, eius dispensationi contraria, magis eum ex indignatione ofendo quam ex penitentie satisfactione mitigo*” HELOÍSA DE ARGENTUIL. “Epístola IV” LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 168.

<sup>8</sup> “*Quomodo etiam penitentia peccatorum dicitur, quantacumque sit corporis afflictio, si mens adhuc ipsam peccandi retinet uoluntatem et pristinis estuat desideriiis?*”. Idem, loc cit.

<sup>9</sup> “*Amor meus, qui utrumque nostrum peccatis inuoluebat, concupiscentia, non amor dicendus est. Miseras in te meas uoluptates implebam, et hoc erat totoum quod amabam*”. PEDRO ABELARDO. “Epístola V” in LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 210.

<sup>10</sup> “*Plange tuum reparatorem, non corruptorem; redemptorem, non scortatorem; pro te mortuum Dominum, non uiuentem seruum*”. Idem, loc cit.

<sup>11</sup> “*Uale in Christo, sponsa Christi; in Christo uale et Christo uiue*”. Idem, p. 216.

uma regra monástica para sua abadia. Este, por sua vez, atendeu o pedido de Heloísa em duas extensas cartas, as últimas da correspondência.

Estamos diante de uma fonte que aborda temas candentes de uma forma marcadamente passional. Não é por acaso, então, que a correspondência tenha atraído a atenção de um amplo público<sup>12</sup>. No que diz respeito particularmente aos estudiosos, isso se deve também pelo fato da intersecção de interesses, como pontuou Étienne Gilson: “História dos fatos, história das instituições eclesiásticas, direito canônico, história da literatura clássica e da literatura medieval, história da filosofia, história da teologia patrística e medieval, podemos dizer que tudo passa por aí, e o pior é que tudo está ligado”<sup>13</sup>. Justamente por isso, está muito além de nossas possibilidades fazer uma análise de toda correspondência. Portanto, esse breve texto pretende abordar apenas a primeira epístola, conhecida como *Historia Calamitatum Mearum*. Ela impõe diversos problemas ao historiador. Entre esses, pode-se destacar o debate sobre sua autenticidade, seu gênero literário, e também sobre a “descoberta do indivíduo” na Idade Média. Nas páginas que seguem, propomo-nos a abordar os posicionamentos da historiografia em relação a esses debates, apontando, ao final, um possível caminho de análise.

### ***Historia Calamitatum*: um texto problemático**

Conforme mencionado, Abelardo teria escrito a *Historia Calamitatum* em, aproximadamente, 1132, na abadia de Saint-Gildas, na Bretanha. O texto inicia-se de tal forma:

Os exemplos, mais do que as palavras, muitas vezes exaltam ou serenam os sentimentos. Por isso, depois de algum conforto obtido pela conversação em tua presença, resolvi escrever ao ausente esta carta de consolação sobre as próprias experiências das minhas calamidades, a fim de que reconheças que tuas provações, comparadas com as minhas, são pequenas ou nulas, e mais pacientemente as suportes<sup>14</sup>.

A princípio, a intenção e o gênero literário do texto estão bem claros. Seu intuito seria o de, por meio de uma carta consolatória, confortar um amigo através do relato de suas provações. No entanto, é interessante notar que o seu destinatário é mencionado apenas uma outra vez, no encerramento do texto.

---

<sup>12</sup> Já no século XIII, Jean de Meun fez referência à correspondência em seu *Roman de la Rose* e, no século seguinte, Petrarca fazia comentários marginais em sua própria cópia da correspondência.

<sup>13</sup> ÉTIENNE, Gilson. *Heloísa e Abelardo*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 23.

<sup>14</sup> “*Sepe humanos affectus aut prouocant aut mitigant amplius exempla quam uerba. Vnde post nonnullam sermonis ad presentem habiti consolationem, de ipsis calamitatum mearum experimentis consolatorium ad absentem scribere decruei, ut in comparatione mearum tuas aut nullas aut modicas temptationes recognoscas et tolerabilius feras*”. PEDRO ABELARDO. *H. C.* p. 2.

Esta, ó irmão caríssimo no Cristo e companheiro de longa vida religiosa, é a história das minhas calamidades, com as quais continuamente me debato desde o berço. Creio que tê-la escrito foi suficiente para consolar-te da desolação e das injúrias recebidas. Como disse, no começo da carta, tu julgarás tua desventura nula ou muito pequena, comparada com as minhas desgraças, e a suportarás com mais paciência quanto menor a considerares<sup>15</sup>.

Para além de ser um “companheiro de longa vida religiosa”, não temos qualquer outra informação a respeito do destinatário da carta, sequer sabemos seu nome. Tal dado é particularmente interessante, porque, no século XII, o gênero epistolar, ao contrário do contemporâneo, não era uma troca entre duas pessoas, mas sim um meio de transmissão de ideias a um público mais amplo. Além disso, remeter textos a destinatários desconhecidos ou inexistentes era um instrumento retórico muito utilizado. Seu objetivo era fazer com que a carta alcançasse um público maior<sup>16</sup>. Se esse foi o caso da *Historia Calamitatum*, uma incômoda questão surge: a circulação do texto. Embora o documento seja datado do século XII, a cópia mais antiga do manuscrito é do século XIII. Não há registro de nenhum leitor conhecido da correspondência no século XII, somente a partir do XIII<sup>17</sup>. Sendo assim, o que garante a autenticidade da carta?

Passemos, então, à análise da carta à luz das discussões historiográficas sobre sua autenticidade e seu gênero literário travadas ao longo dos séculos. Para tanto, é preciso ter em mente que para cada interpretação a esse respeito, um novo sentido e uma nova intenção são atribuídos à composição da carta.

### Um percurso historiográfico

O debate sobre a autenticidade da correspondência não é recente. O monge capuchinho Ignaz Fessler defendeu, em 1806, a hipótese de que outro autor teria estendido uma versão já existente e original da *Historia Calamitatum*. Além de ter sido aceito por diversos autores, seu posicionamento abriu precedentes para que outros questionassem a autenticidade da correspondência. Em 1841, o suíço Johann Caspar von Orelli conferiu a autoria da composição das cartas a um possível amigo e admirador do casal. Segundo ele, “por numerosas razões” poder-se-ia chegar a esta conclusão. No entanto, ele não diz quais seriam tais razões. Por sua vez, o alemão Samuel Martin

---

<sup>15</sup> “*Hec, dilectissime frater in Christo, et ex diutina conuersatione familiarissime comes, de calamitatum mearum hystoria, in quibus quase a cunabulis iugiter laboro, tue me desolationi atque iniurie illate scripsisse sufficiat, ut, sicut in exordio prefatus sum epistole, oprpressionem tuam in comparatione mearum aut nullam aut modicam esse iudices, et tanto eam patientius feras quanto minorem consideras*”. Idem, p. 118.

<sup>16</sup> Cf. CONSTABLE, Giles. *Letters and Letters-Collections*. Turnhout (Belgique). Éd. Brepols. 1976.

<sup>17</sup> Sabe-se que no século XIV foram solicitadas duas cópias da correspondência: uma para o então reitor da universidade de Paris e outra por um italiano. A edição mais recente da correspondência conta com 16 manuscritos utilizados.

Deutsch atribuiu a composição de toda a correspondência unicamente a Abelardo. Heloísa não teria escrito nenhuma carta.<sup>18</sup>

Foi em meados de 1850 que uma hipótese sobressaiu-se em relação às demais. Retomando Deutsch, o historiador francês Ludovic Lalanne defendeu que Abelardo teria escrito a correspondência toda sozinho. Ele respaldou essa hipótese a partir de supostas incoerências na ordem cronológica dos eventos descritos na correspondência. Segundo Lalanne, Abelardo teria construído essa memória de modo a celebrar sua glória a partir de Heloísa, demonstrando como ele a convertera. Essa hipótese foi defendida incontestavelmente por diversos autores até meados do século XX.<sup>19</sup>

Foi apenas em 1936 que Étienne Gilson buscou defender de maneira contumaz a autenticidade da correspondência. Segundo ele, a tese de Lalanne e de seus seguidores não se sustentaria em razão de um erro de tradução que alteraria toda ordem cronológica da correspondência.<sup>20</sup> Além dessa questão, Gilson defendeu a hipótese de que a correspondência teria sido escrita para comprovar a conversão de Heloísa não faria sentido, afinal “como teria escrito ou deixado as passagens tão duras de Heloísa, que desvendam o egoísmo, a crueldade, o orgulho levado à mais estúpida cegueira da qual deu provas várias vezes em todo o caso”.<sup>21</sup> Para ilustrar seu argumento, podemos considerar como uma das provas a seguinte passagem:

“Todavia, aqueles prazeres amorosos que juntos experimentamos foram tão agradáveis que não me incomodam e dificilmente podem ser apagados de minha memória. Para onde quer que eu me volte, eles estão sempre presentes aos meus olhos com seus desejos, e nem mesmo quando durmo, eles me poupam de suas ilusões. Durante a própria solenidade da Missa, na qual mais pura deve ser a oração, as fantasias obscenas daquelas volúpias cativam inteiramente meu misérrimo espírito, de modo que me entrego mais àquelas indecências do que à oração, e quando devo lamentar as coisas cometidas, de preferência suspiro pelas que perdi<sup>22</sup> .”

---

<sup>18</sup> Para um balanço desse período, remeto a: ÉTIENNE, Gilson. *Heloísa e Abelardo*. São Paulo: Edusp, 2007, pp. 175-196.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Cf. Idem, pp. 178-196.

<sup>21</sup> Idem, pp. 194-195.

<sup>22</sup> “*In tantum uero ille queas parite rex ercuimus amantium uoluptates dulces mihi fuerunt ut nec discplicere mihi nec uix a memoria labi possint. Quocumque loco me uertam, semper se oculis meis cum suis ingerunt desiderii, nec etiam dormienti suis ullusionibus parcut. Inter ips amissarum sollempnia, ubi purior esse debet oratio, obscena earum uoluptatum phantasmata ita sibi penitus miserrimam captiuant animam ut turpitudinibus illis magis quam orationi uacem; que cum ingemiscere debeam de commissis, suspiro potius de amissis*”. HELOÍSA DE ARGENTUIL “Epistola II” in LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 170.

Para Gilson, “Heloísa acabou por calar-se, mas jamais cedeu”<sup>23</sup>. Nesse sentido, a correspondência seria autêntica e teria sido organizada por Heloísa após a morte de Abelardo. Sua intenção era que a memória de seu marido fosse preservada.

A tese de Gilson tomou o posto de posição incontestável até meados dos anos 1970. Em julho de 1972, foi realizado, na abadia de Cluny, um colóquio internacional sobre Pedro Abelardo e Pedro, o Venerável. Nele, duas comunicações chamaram a atenção no que dizia respeito à autenticidade da correspondência<sup>24</sup>. O historiador alemão Peter Von Moos destacou o fato de não haver nenhuma cópia dessa documentação feita no século XII e nenhum leitor conhecido dela nesse mesmo século. Portanto, para ele, o máximo que se poderia afirmar é que estamos diante de uma criação literária do século XIII<sup>25</sup>. Para Von Moos, toda a interpretação da correspondência fora influenciada pelas imagens que se criaram de Heloísa, e isso obscureceria a análise histórica.

No entanto, a comunicação que conseguiu maior atenção foi a do historiador norte americano John F. Benton. Além de criticar a argumentação de Gilson como “estreita”, defendeu a hipótese de que toda correspondência seria falsa.<sup>26</sup> Benton foi o primeiro a questionar a autenticidade da *Historia Calamitatum*. Segundo ele, Abelardo não poderia ter escrito esse texto por conta de “fundamentais erros históricos”. Tais erros seriam tantos que o estudioso afirmava não ser possível dar conta de todos em sua comunicação. Ainda assim, fez questão de elencar alguns. Alguns deles são dignos de nota.

O primeiro erro seria em relação à formação intelectual de Abelardo. Na *Historia Calamitatum*, ele relatou ter sido instruído por Guilherme da Champanha e Anselmo de Laon. No entanto, é sabido que ele também foi instruído por Roscelino de Compiègne, um ilustre professor do período, conhecido por ser o inventor da escola “vocalista” de interpretação dos universais<sup>27</sup>. Além disso, Abelardo também havia se desentendido com Roscelino, inclusive com trocas de acusação de heresia. Se de fato Abelardo tivesse escrito a carta, por que não mencionaria esse fato de sua vida?

O segundo erro recairia sobre a suposta primeira obra de Abelardo. No texto temos: “Aí [após retornar a Paris], logo no início das aulas, dediquei-me a terminar aqueles comentários sobre Ezequiel que comecei em Laon”<sup>28</sup>. Esses comentários não sobreviveram até nós e em nenhum outro lugar Abelardo mencionou essa obra. Apenas fez comentários, em outros textos, sobre a dificuldade de interpretação dessa profecia. Portanto, nesta passagem, Benton viu outro indício de falsificação.

---

<sup>23</sup> ÉTIENNE, Gilson. *Heloísa e Abelardo*. São Paulo: Edusp, 2007, pp. 195.

<sup>24</sup> As comunicações foram publicadas em: JOLIVET, J. et al. *Pierre Abélard, Pierre le Vénéralbe*. Paris, CNRS, 1975.

<sup>25</sup> VON MOOS, Peter. “Le silence d’Héloïse et les ideologies modernes” in *Entre histoire et littérature: communication et culture au moyen âge*. Firenze E dizioni del Galluzzo, 2005, pp. 6-43.

<sup>26</sup> BENTON, John F. “Fraud, fiction and borrowing in the correspondence of Abelard and Heloise” in JOLIVET, J. et al. *Pierre Abélard, Pierre le Vénéralbe*. Paris, CNRS, 1975, p. 472

<sup>27</sup> “qui primus nostris temporibus in logica sententiam vocum instituit”. OTTO DE FREISING. *Gesta Friderici I imperatoris*. Livro I, XLVIII, p. 69. Ver também: GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2013, pp. 284-286.

<sup>28</sup> “atque ibi in ipso statim scolarum initio glosas illas Ezechielis quas Lauduni inceperam consummare studui”. PEDRO . H.C., p. 20.

O terceiro erro seria sobre sua condenação por heresia. Segundo Abelardo,

Alegavam que, para a condenação do livro, era suficiente o meu atrevimento de ter feito sua leitura em público e de tê-lo dado para ser copiado por muitas pessoas, sem a aprovação do Romano Pontífice, ou de uma autoridade eclesiástica. Minha condenação seria muito útil para a fé cristã, pois, pelo meu exemplo, uma tal presunção seria por muitos evitada<sup>29</sup>.

Segundo Benton, isso seria um claro anacronismo, já que não há registros desse tipo de censura antes da segunda metade do século XIII.

O quarto erro também seria relativo à sua condenação. Abelardo afirmaria que seus rivais teriam dito que ele “pregara e escrevera sobre a existência de três deuses”.<sup>30</sup> Roscelino e Otto de Freising descreveram a condenação de Abelardo por sabelianismo.<sup>31</sup> Ainda de acordo com o historiador norte americano, essa passagem seria um indício de falsificação pelo fato do sabelianismo ser uma heresia diametralmente oposta à mencionada na *Historia Calamitatum*, impossibilitando que Abelardo as confundisse.

O quinto erro seria em relação à doação do Paracleto a Heloísa:

As monjas primeiramente levaram, ali, uma vida indigente, e durante certo tempo ficaram muito desoladas. A misericórdia divina, a quem elas devotamente serviam, logo as consolou e manifestou-se-lhes como um verdadeiro Paracleto, tornando a população vizinha muito propícia e misericordiosa para com elas<sup>32</sup>.

O autor acreditava que a chegada de Heloísa e das monjas em 1129 (data que se pode supor a partir da *Historia Calamitatum*), seria uma invenção: nenhum documento conhecido fora da correspondência conecta Heloísa com Argenteuil ou afirma que as monjas migraram de lá para o Paracleto. Ademais, não há provas de que Abelardo

---

<sup>29</sup> “Dicebant enim ad dampnationem libelli satis hoc esse debere quod necromani pontificis nec ecclesie auctoritate eum commendatum legere publice presumpseram atque ad transcribendum iam pluribus eum ipse prestitissem; et hoc perutile futurum fidei Christiane si exemplo mei multorum similis presumption preueniretur” Idem, p.66.

<sup>30</sup> “dicentes me tres deos predicare et scripsisse, sicut ipsis persuasum fuerat”. Idem, p. 58.

<sup>31</sup> São diferentes "modos" ou "aspectos" de um Deus único percebido pelo crente em vez de três pessoas distintas de Deus.

<sup>32</sup> “quas ibi quidem primo inopem sutinentes uitam et ad tempus plurium desolatas, diuine misericordie respectus, cui deuote seruiebant, in breui consolatus est, et se eis quoque uerum exhibuit Paraclitum et circumadiacentes populos misericordes eis atque propitios effecit”. PEDRO ABELARDO. *H.C.*, p. 100.

realmente tenha doado o Paracleto. Na confirmação papal de posses do Paracleto, de 1147, não há o nome de nenhum doador. E no cartulário do bispado de Troyes, de 1194, há o nome de um Simão de Nogent, mas não havia documentos que confirmassem maiores detalhes sobre ele.<sup>33</sup>

Por conta desses erros, Benton acreditava que a *Historia Calamitatum* seria uma obra fictícia, produzida em fins do século XII ou no início do XIII por algum estudante de *ars dictamen*<sup>34</sup> familiarizado com o ambiente escolar parisiense e conhecedor de algumas obras de Abelardo. Já o resto da correspondência também seria uma criação, mas não literária. Tratar-se-ia de uma falsificação documental, de fins do século XIII, com o fim de influir na eleição abacial do Paracleto. Assim, o autor dessa segunda falsificação teria se deparado com a “falsa” *Historia Calamitatum* e, a partir dela, teria elaborado todo o resto da correspondência. Benton supõe isso porque o manuscrito preservado mais completo assemelha-se muito a um dossiê jurídico, por conta dos documentos ali contidos.<sup>35</sup> Nesse sentido, a correspondência seria uma forma de construir uma memória que assegurasse certos direitos políticos a determinados sujeitos históricos.

A hipótese de Benton mostrou-se bastante problemática e, por isso, pouco tempo depois, ele se retratou publicamente por conta dela. Inclusive, na publicação de sua comunicação, há um alerta ao leitor afirmando que seu texto apenas “representa minhas ideias de outubro de 1972”<sup>36</sup>. De qualquer modo, ela causou grande estardalhaço – alguns historiadores até o culpam pelo fato de Abelardo e Heloísa perderem sua popularidade – e obrigou os estudiosos a se voltarem mais atentamente ao documento. O maior mérito de Benton foi trazer documentos externos à correspondência para discutir sua autenticidade.

Após sua comunicação, duas teses se sobressaíram em relação às outras: a da autenticidade total do documento e a de que Abelardo escreveu toda a correspondência. Dos anos 1970 para cá, as maiores contribuições foram feitas por estudiosos da área da linguística. Nesse período, começou-se a dar mais atenção ao ritmo da prosa medieval, o *cursus* latino. O britânico Peter Dronke e o sueco Tore Janson determinaram que o *cursus* da correspondência é, definitivamente, do século XII. Ainda afirmaram que seria muito difícil alguém de um período posterior falsificar o documento, pois precisaria estar muito atento às nuances da sonoridade. No entanto, o estudo do *cursus* ainda é muito recente e não traz resultados mais conclusivos. Há autores que afirmam que há, na correspondência, dois usos bem distintos do *cursus*. É o caso do próprio Tore Janson. Segundo ele, os textos de Abelardo e Heloísa são marcados pelo uso do *cursus velox*, em que a ênfase é posta na sétima e na penúltima sílaba da oração e pelo uso do *cursus tardus*, em que a ênfase está na sexta e na antepenúltima sílaba da oração. Segundo ele, a distinção entre os autores ficaria clara por conta de Heloísa preferir encerramentos

---

<sup>33</sup> Sobre os supostos erros, cf.: BENTON, John F. “Fraud, fiction and borrowing in the correspondence of Abelard and Heloise” in JOLIVET, J. et al. *Pierre Abélard, Pierre le Vénérable*. Paris, CNRS, 1975, pp. 483 – 492.

<sup>34</sup> A *ars dictamen* ou *dictaminis* é a arte da composição epistolar. Objeto de livros e tratados, foi um dos ramos do ensino de retórica nas escolas medievais. Para mais, cf. : Cf. CONSTABLE, Giles. *Letters and Letters-Collections*. Turnhout (Belgique). Éd. Brepols. 1976 e VENARDE, Bruce L. *Robert of Arbrissel: A Medieval Religious Life*. Washington: The Catholic University of America Press, 2003, pp. 89 – 90.

<sup>35</sup> Cf. BENTON, John F. “Fraud, fiction and borrowing in the correspondence of Abelard and Heloise” in JOLIVET, J. et al. *Pierre Abélard, Pierre le Vénérable*. Paris: CNRS, 1975.

<sup>36</sup> Idem, p. 502.

mais lentos – com o *cursus tardus* – em conjunção com paralelismos rítmicos e rimas. Por outro lado, há autores que defendem que essas distinções são mínimas e, portanto, incapazes de confirmar ou negar a dupla autoria do documento. Quem defende essa última hipótese acredita que a intenção do texto seja a de demonstrar a dupla conversão de seus escritores como forma de garantir uma história de fundação para o Paraclete. Essa interpretação, no que diz respeito à *Historia Calamitatum*, privilegia a mudança de comportamento de Abelardo após a castração e as perseguições “injustas” que sofreu.<sup>37</sup>

Embora não se posicionem terminantemente contrários a essa hipótese, os defensores de uma dupla autoria dão uma interpretação distinta à *Historia Calamitatum*. Por exemplo, Mary Martin McLaughlin defendeu que Abelardo buscou escrever uma simples autobiografia na tentativa de renovar sua reputação, mas que teria se tornado em “um ato de auto recuperação em um sentido mais profundo”. Desse modo, a epístola agiria como uma espécie de catarse, responsável por tornar Abelardo consciente de que ele próprio, em grande medida, teria sido o causador de suas calamidades<sup>38</sup>. Um autor brasileiro, Zeferino Rocha, defendeu uma hipótese bastante semelhante. Para ele, a *Historia Calamitatum* seria uma carta consolatória autobiográfica escrita para si próprio, um exercício reflexivo para lidar com sua depressão.<sup>39</sup>

### Autobiografia e o indivíduo na Idade Média

Portanto, seria a *Historia Calamitatum* uma autobiografia? Como já mencionamos, trata-se de um texto em que seu autor relata a história de suas calamidades a um amigo com o fim de consolá-lo. Ao fazê-lo, descreve sua vida desde as origens até o momento em que estava escrevendo a referida epístola. Por isso, diversos historiadores – como os acima mencionados – a consideraram como tal. No entanto, essa denominação é bastante problemática se utilizada sem ressalvas.

O gênero autobiográfico pode ser, a princípio, definido pela necessidade do autor, protagonista e narrador do texto serem as mesmas pessoas<sup>40</sup>. Se voltarmos ao nosso caso, poderíamos classificar a *Historia Calamitatum* como tal. Afinal, se a considerarmos autêntica, Abelardo foi seu autor, tanto quanto protagonista e narrador de seu relato. No entanto, a definição do gênero é mais complexa. Além de recompor e interpretar uma vida em sua totalidade, a narrativa autobiográfica é um instrumento de exploração da condição humana através do conhecimento do eu. Nesse sentido, tal conhecimento nada mais é do que a interpretação de si próprio. Fruto de grande intimidade, o texto autobiográfico é uma história de seu próprio autor, no qual não pode

---

<sup>37</sup> Para uma consideração sobre obras que levam em consideração o *cursus* latino em suas análises, remeto a: MARENBNON, John. *The Philosophy of Peter Abelard*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 82-93.

<sup>38</sup> McLAUGHLIN, Mary M. “Abelard as Autobiographer” in *Speculum*. Vol 42, N. 3, 1967, p. 473.

<sup>39</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. *Paixão, violência e solidão. O drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995 e \_\_\_\_\_. *Abelardo-Heloísa: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas por Zeferino Rocha*. Recife: Editora universitária da UFPE, 1997.

<sup>40</sup> POPKIN, Jeremy D. *History, historians, and autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 28.

haver contribuições externas a ele. Ou seja, o destaque no gênero autobiográfico é o indivíduo que se examina<sup>41</sup>.

A partir de fins dos anos 1960, a história do individualismo Ocidental tornou-se objeto de estudo popular entre os medievalistas. Não por acaso, suas contribuições centraram-se no “falar de si”, em especial nas autobiografias. Por exemplo, o historiador francês Georges Duby viu no século XII diversos indícios da emergência do indivíduo, e o “florescimento da autobiografia” teria sido um deles.<sup>42</sup> Segundo o autor, embora imitassem modelos da Antiguidade, essas obras “afirmam com brilho a autonomia da pessoa, senhora de suas próprias lembranças, como o é de seu próprio pecúlio. O eu reivindica uma identidade no seio do grupo, o direito de deter um segredo, distinto do segredo coletivo”.<sup>43</sup>

É preciso ter em mente que o indivíduo tornou-se objeto histórico em 1860, com o erudito suíço Jacob Burckhardt e a publicação de seu *A cultura do Renascimento na Itália*. Ao definir o indivíduo, Burckhardt não poupou comparações entre o período medieval e o moderno. Segundo ele, o homem medieval seria incapaz de se reconhecer como indivíduo, pois

os dois lados da consciência – um voltado para o mundo e o outro para o interior dos próprios homens – jaziam *semiadormecidos* ou *semidespertos*, sob um véu comum. *Véu tecido de fé, preconceitos infantis e ilusão, através do qual o mundo e a história apareciam sob cores bizarras; o homem apenas se reconhecia como raça, povo, partido, corporação, família, ou sob qualquer outra forma geral e coletiva*. Na Itália, por primeiro, este véu se desfez nos ares, despertando enfim uma consideração e um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo. Mas, ao mesmo tempo, ergue-se, pleno de força, o aspecto subjetivo; o homem torna-se indivíduo espiritual, e se reconhece como tal<sup>44</sup>.

A concepção de Burckhardt, que personifica a consciência medieval entorpecida e encoberta pelo véu da “fé, preconceitos infantis, e ilusão”, evoca, segundo Michael Clanchy, a imagem de qualquer donzela passiva do período Pré-Rafaelita ou do *Art Nouveau*, que aguarda seu galante príncipe da Renascença italiana para ser despertada e

---

<sup>41</sup> Para diversas definições do gênero autobiográfico e uma análise da relação desse gênero com a história, remeto a: Idem, pp. 11 – 32.

<sup>42</sup> DUBY, Georges. “A solidão nos séculos XI-XIII” in ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.) *História da vida Privada 2. Da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia de Bolso, p. 533.

<sup>43</sup> Idem, loc cit.

<sup>44</sup> BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 89, itálicos nossos.

vivificada.<sup>45</sup> O sucesso do posicionamento Buchkardt é inquestionável. Suas ideias foram atrativas não somente pelo fato de ter utilizado metáforas visuais vívidas que iam ao encontro da memória histórica do público geral de que a Idade Média era um tempo de mistérios obscuros, mas também pelo fato de defender que a consciência humana se desenvolveu desde a Idade Média. Essa concepção se adequava perfeitamente à teoria geral do progresso e do desenvolvimento do homem, que era amplamente aceita na Europa a partir do Iluminismo<sup>46</sup>.

Em reação ao estudo de Burckhardt, inúmeros medievalistas insistiram em uma consciência da individualidade na Idade Média. Um dos primeiros a fazê-lo foi o historiador alemão Alfons Dopsch que, em 1929, defendeu que o “individualismo econômico” dos antigos alemães seria as origens bárbaras da tradição individualista Ocidental. No entanto, é a partir de fins dos anos 1960 que passam a pulular trabalhos que caminham por essa seara<sup>47</sup>. Marie-Dominique Chenu talvez tenha sido aquele que adotou mais explicitamente às metáforas visuais de Burckhardt. Escrevendo em 1969, defendeu que o século XII teria inventado o amor. Embora tal sentimento tenha diversas definições, entre elas sempre há em comum o destaque à interioridade e à consciência de si. “O amor faz que, na vontade de que o outro seja o outro, o amado seja tanto mais ele mesmo quanto mais ele é amado”<sup>48</sup>. Nesse período, portanto, a consciência medieval teria *despertado*<sup>49</sup>.

Já em 1972, foi a vez do historiador britânico Colin Morris contribuir ao debate. Ele localizou nos séculos XI e XII processos de formação do indivíduo, que consistiam em releituras cristãs de uma série de elementos das Antiguidade. A conclusão de sua obra não poderia ser mais assertiva:

*A descoberta do indivíduo foi um dos mais importantes desenvolvimentos culturais nos anos 1050 e 1120. Não estava restrito somente a um grupo de pensadores. Seus principais traços podem ser localizados em diversos círculos: a preocupação com o autodescobrimento; um interesse entre o grupo social e o papel individual na sociedade; a busca por uma avaliação pessoal das intenções internas em vez de seus atos externos*<sup>50</sup>.

---

<sup>45</sup> CLANCHY, Michael. “Abelard and the individual in history” in *Historical Research*. Oxford, Blackwell Publishing Ltd. Vol. 76, n. 193, 2003, p. 295.

<sup>46</sup> Idem, loc cit.

<sup>47</sup> IOGNA-PRAT, Dominique. “La question de l’individu à l’épreuve du moyen âge” in BEDOS-REZAK, Brigitte Miriam; IOGNA-PRAT, Dominique (Orgs.) *L’Individu au Moyen Âge*. Paris: Aubier, 2005, p. 18.

<sup>48</sup> CHENU, Marie-Dominique. *O despertar da Consciência na Civilização Medieval*. São Paulo, Loyola, 2006, pp. 30 – 32.

<sup>49</sup> Cf. Idem.

<sup>50</sup> MORRIS, Colin. *The Discovery of the Individual, 1050 – 1200*. Toronto: University of Toronto Press, 1987, p. 158, itálicos nossos.

Essas interpretações localizam no século XII uma consciência de si similar àquela que Burckhardt descreveu para a Itália do Renascimento. Elas, no mais das vezes, atribuem à *Historia Calamitatum* uma das mais claras expressões da descoberta do indivíduo. Por exemplo, para a já citada Mary Martin McLaughlin, a principal característica de uma autobiografia estaria no dinâmico efeito recíproco entre o indivíduo e seu mundo, a relação entre passado e presente. Desse modo, através de seu esforço de recoleção e da clareza de sua auto percepção, Abelardo foi capaz “de alcançar a unificada compreensão de uma vida, da radical singularidade de um si, o que faz de sua *Historia Calamitatum* o mais espetacular manifesto da revolução interna de sua época”<sup>51</sup>. Já Marie-Dominique Chenu, após relatar que a *Historia Calamitatum* seria a “obra-prima de seu estilo e de sua alma”, afirmou que “a descoberta do *sujeito* foi, por ele e nele radiosa” [itálicos do autor]<sup>52</sup> e que Abelardo seria “um dos epicentros da gestação de um *homem novo*” [itálicos nossos]<sup>53</sup>. Por ter exaltado “o sujeito humano”; por ter concebido uma intenção “criadora de valor moral” que interiorizou a reflexão sobre o pecado; por ter visto o homem como uma pessoa “irredutivelmente original”; Chenu definiu Abelardo como um grande precursor, “o primeiro homem moderno”<sup>54</sup>. Ele não foi o único. Abelardo recebeu diversos outros epítetos semelhantes: o primeiro moralista moderno<sup>55</sup>, o primeiro grande intelectual moderno<sup>56</sup>, etc.

Se analisarmos a *Historia Calamitatum* tendo como base a definição moderna de autobiografia, a existência do indivíduo no período estará dada. O que está em jogo, nesse posicionamento, é a tentativa de justificar a Idade Média através de um referencial posterior a ela. A existência do indivíduo, ou de traços dele, agiria como uma centelha da modernidade em uma Idade Média encoberta pelas trevas. Nesse sentido, o testemunho de Jacques Heers é valioso:

A ideia de um corte nítido, de um novo limiar na evolução, guia todos os discursos. São vários os autores, e não dos menores, de inegável boa vontade e larga audiência, que se interrogam gravemente tentando decidir se este ou aquele personagem (rei, conselheiro, homem de guerra ou prelado) 'era ainda um homem da Idade Média' ou 'já um homem moderno'<sup>57</sup>.

A busca por indícios de modernidade ou a necessidade do uso de referenciais modernos para se estudar a Idade Média são “falsos problemas, jogos pueris (...)”<sup>58</sup>. Comparações podem e devem ser feitas, mas os períodos históricos devem ser analisados em si próprios. A aplicação de conceitos ou categorias históricas a períodos

<sup>51</sup> Cf. McLAUGHLIN, Mary M. “Abelard as Autobiographer” in *Speculum*. Vol 42, N. 3, 1967, p. 486. Para uma análise dessa interpretação, cf.: BAGGE, Sverre. “The autobiography of Abelard and medieval individualism” in *Journal of Medieval History*, 19, 1993.

<sup>52</sup> CHENU, Marie-Dominique. *O despertar da consciência da civilização medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 19.

<sup>53</sup> Idem, loc cit.

<sup>54</sup> Idem, p. 29.

<sup>55</sup> VERGER, Jacques. *Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Santa Catarina: Edusc, 2001, p. 44.

<sup>56</sup> LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 59.

<sup>57</sup> HEERS, Jacques. *A Idade Média, uma impostura*. Lisboa: Edições Asa, 1994, p.18.

<sup>58</sup> Idem, p. 18, n.2.

distintos ao de sua origem é um anacronismo que deve ser evitado pelo historiador. Nas palavras do historiador francês Dominique Iogna-Prat, “as noções modernas de indivíduo, de sujeito ou de identidade não possuem equivalente na sociedade medieval e seu emprego, mesmo em nome de um anacronismo heurístico, não é apenas aberrante ou inconsequente: é uma falta profissional”<sup>59</sup>. Ademais, não é cabível pensar em uma história de progressiva descoberta do indivíduo. Para Jean-Claude Schmitt, a noção de uma evolução contínua até nós é uma ficção historiográfica: “Não há então evolução linear, progresso único da descoberta do indivíduo, segundo um esquema onde cada época pode se prestar, em função da especialidade dos historiadores, à semelhante invenção”. Abelardo, em sua perspectiva, teria sido tomado “pelos heróis fundadores de uma história simplificadora ao excesso”<sup>60</sup>.

A partir desse viés, estudos mais recentes contestam a definição da *Historia Calamitatum* como uma autobiografia. Para Caroline Bynum, esse texto é “a história da ascensão e queda de um tipo: ‘o filósofo’. Ele conta a história como a história de um tipo e isso o permite [Abelardo] definir a si próprio e a falar sobre a significância de sua história”.<sup>61</sup> De maneira semelhante, Sverre Bagge defendeu que o propósito de Abelardo não foi o de relatar o que havia de único em sua vida, mas usá-la como o exemplo de algo geral, de modo que os leitores pudessem aplicar às suas próprias vidas. Nesse sentido, o princípio organizador é o propósito geral e comparativo do texto, e não o cronológico.

A unidade temática da *Historia Calamitatum* não é a vida de Abelardo como um todo, mas as lições gerais que podem ser apreendidas de cada um dos episódios. Portanto, a autobiografia de Abelardo difere das modernas em sua descrição do desenvolvimento, ou melhor, na falta de tal descrição. A vida de Abelardo é cíclica, com eventos similares se repetindo o tempo todo. A vida de Abelardo seria ‘incompleta’ se fosse cortada no

---

<sup>59</sup> IOGNA-PRAT, Dominique. “La question de l’individu à l’épreuve du moyen âge” in BEDOS-REZAK, Brigitte Miriam; IOGNA-PRAT, Dominique (Orgs.) *L’Individu au Moyen Âge*. Paris: Aubier, 2005, p. 9.

<sup>60</sup> SCHMITT, Jean-Claude. “La ‘découverte de l’individu’: une fiction historiographique” in \_\_\_\_\_. *Les corps, les rites, les rêves, le temps. Essais d’anthropologie médiévale*. Paris: Gallimard, 2001, p. 262. Para um balanço historiográfico das produções mais recentes sobre o debate do indivíduo na Idade Média remeto a: IOGNA-PRAT, Dominique. “La question de l’individu à l’épreuve du moyen âge” in BEDOS-REZAK, Brigitte Miriam; IOGNA-PRAT, Dominique (Orgs.) *L’Individu au Moyen Âge*. Paris: Aubier, 2005; e SILVA FILHO, J. G. “A idade média e um (im)possível indivíduo” in ALMEIDA, Néri de Barros. *A Idade Média entre os Séculos XIX e XX: estudos de historiografia*. Campinas: UNICAMP, 2008.

<sup>61</sup> BYNUM, Caroline Walker. “Did the Twelfth Century Discover the Individual?” in *Journal of Ecclesiastical History*, Vol. 31, No. 1, 1980, p. 9. De maneira geral, para Bynum, além do século XII ser marcado por um interesse bastante autoconsciente no processo de pertencimento de grupos e cumprimento de papéis, ela defendeu que o século XII não deveria ser conhecido como o da descoberta do indivíduo, mas sim o da descoberta de “si”. Seria preciso delimitar dois sentidos precisos a isso. Em primeiro lugar, o século XII teria descoberto o “si” no sentido de seu acréscimo de interesse, em comparação aos períodos anteriores, pela “paisagem interior” do ser humano. Em segundo lugar, a descoberta de si se dá no sentido de que conhecer o núcleo interno da natureza humana dentro de seu próprio si foi um tema e uma preocupação explícita no período.

meio do primeiro ciclo. Depois disso, ela poderia encerrar em qualquer momento, sem mudar de fato o resultado<sup>62</sup>.

Para Evelyn Birge Vitz, a *Historia Calamitatum* não lida com uma “aventura do si”. Abelardo não levantou qualquer questão sobre suas motivações ou mesmo sobre a natureza delas. Portanto, não se trataria de um texto que “busca a alma”, ou que pretende descobrir o “quem sou eu” através da escrita. Abelardo fez de si próprio uma espécie de tipo, ou *exemplum*, de sofredor e os eventos de sua vida são narrados como uma lista de calamidades. Portanto, ele estaria escrevendo “para causar impacto em seu leitor. Isso não é literatura de *expressão*, mas de *impressão*”<sup>63</sup>.

De maneira geral, pode-se afirmar que embora Abelardo tenha se apropriado de suas próprias experiências, isso teria se dado através de uma tradição letrada cristã de saber coletivo. Assim, não seria possível afirmar que há o reconhecimento individual em sua narrativa. Em diversas ocasiões, Abelardo, precisou recorrer a uma memória alheia para autorizar seu texto<sup>64</sup>. Por exemplo, ao descrever sua ida à abadia Saint-Gildas de Rhuys, escreveu que “a inveja dos franceses me expulsou para o Ocidente, como a dos romanos expulsou Jerônimo para o Oriente”<sup>65</sup>.

Mesmo se nos posicionarmos contrariamente à classificação da *Historia Calamitatum* como uma autobiografia, não podemos negar seu *tom* autobiográfico. Afinal, Abelardo fez uma seleção organizada de forma cronológica de fatos que julgou pertinente. No entanto, qual era sua intenção? Para Constant J. Mews, Abelardo tentou se reinserir nos debates teológicos parisienses da década de 1130 após ficar anos afastado. Além disso, o texto seria praticamente um tratado teológico que buscava enfatizar o sumo-bem no plano divino e, para isso, Abelardo - aderindo ao que Jean Leclercq chamou de teologia monástica<sup>66</sup> -, usou suas próprias experiências para ilustrar seu posicionamento. Por mais calamitosa que fosse sua vida, haveria um plano divino que buscava fazer o bem pelo “mal”. Nesse sentido, a *Historia Calamitatum* seria um tratado em que a construção de uma memória opera como teologia prática, em que os fatos narrados – embora de origem humana – ocorrem por conta de um propósito divino<sup>67</sup>. Segundo Michael T. Clanchy, a razão pela qual Abelardo escreveu a carta foi a de simplesmente justificar sua fuga da abadia de Gildas-Rhuys e o consequente retorno a Paris para lecionar. Por isso, ele teria enfatizado os supostos problemas de convívio

---

<sup>62</sup> BAGGE, Sverre. “The autobiography of Abelard and medieval individualismo” in *Journal of Medieval History*, Vol. 19, 1993, pp. 329-335.

<sup>63</sup> VITZ, Evelyn Birge. *Medieval Narratives and Modern Narratology: Subjects and Objects of Desire*. Nova Iorque: New York University Press, 1989, pp. 33-35, itálicos da autora.

<sup>64</sup> SILVA FILHO, J. G. *Traços do surgimento histórico do indivíduo no século XII. Abelardo e Heloísa*. 2002, pp. 89 - 90.

<sup>65</sup> “sicque me Francorum invidia ad Occidentem sicut Iheronimum Romanorum expulit ad Orientem”. PEDRO ABELARDO. *H.C.*, p. 94.

<sup>66</sup> Cf. LECLERQ, Jean. “Renewal of Theology” in BENSON, Robert L.; CONSTABLE, Giles. (eds.) *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1977, pp. 68 – 87.

<sup>67</sup> Cf. MEWS, Constant J. *Abelard and Heloise*. New York: Oxford University Press, 2005.

com os monges dessa abadia, bem como com os senhores da região normanda, afirmando, desde o princípio, que ali seria uma terra de bárbaros<sup>68</sup>.

### **Autenticidade e veracidade**

Essas hipóteses que assumem a autenticidade da *Historia Calamitatum* ainda reservam alguns problemas. A autoria de Abelardo garantiria a veracidade da narrativa? Não são poucas as passagens nas quais Abelardo provavelmente tenha exagerado, principalmente ao falar da inveja de seus adversários e do sucesso de sua carreira. Por exemplo, não há nenhuma prova apontando para as tentativas de assassinato que ele teria sofrido na abadia de Gildas-Rhuys, embora saibamos que, de fato, os monges foram repreendidos por um legado papal<sup>69</sup>.

Étienne Gilson foi um dos maiores defensores da sinceridade de Abelardo. Segundo ele, se Abelardo teria sido tão sincero ao narrar certos eventos – por exemplo, sua castração e seus reais interesses ao se envolver com Heloísa – por que mentiria sobre outros aspectos? Há uma passagem em seu livro que sintetiza, de maneira caricata, mas que, de algum modo, revela seu posicionamento e de seus seguidores. Certa vez, Gilson estaria numa biblioteca e teria perguntando a um erudito beneditino a respeito da autenticidade da correspondência, e esse beneditino teria respondido: “É impossível que isto não seja autêntico: é belo demais”. Gilson não deixou de concordar<sup>70</sup>.

É importante ressaltar, entretanto, que Gilson, e outros especialistas, não tomaram isso como uma prova. No entanto, não deixou de ser uma forma de se posicionar em relação ao documento. A partir desse viés interpretativo, alguns trechos passaram em branco nas análises dos medievalistas. Por exemplo:

Todavia, num intervalo de tempo não muito longo, por causa da minha imoderada preocupação com os estudos, fui atingido pela doença e coagido a voltar para minha terra natal. Ficando, por alguns anos, um pouco afastado da França, com mais ansiedade era aguardado por aqueles que a doutrina dialética fascinava<sup>71</sup>.

Essa sua doença, considerada como uma simples estafa por muitos historiadores, aconteceu logo quando Abelardo estabeleceu sua escola de maior sucesso perto de Paris. Ao referir-se a outro momento de sua vida, temos o seguinte trecho:

---

<sup>68</sup> CLANCHY, Michael T. *Abelard: a medieval life*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2002.

<sup>69</sup> Idem, p. 247.

<sup>70</sup> ÉTIENNE, Gilson. *Heloísa e Abelardo*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 28.

<sup>71</sup> “*Non multo autem interiecto tempore, eximmoderata studii afflictione correptus infirmitate coactus sum repatriare, et per anos aliquota a Francia remotus, querebar ardentius ab his quos dialectica sollicitabat doctrina*” PEDRO ABELARDO. *H.C.*, p. 8.

Enquanto isso ocorria [a vitória, em relação aos debates públicos, de Abelardo sobre Guilherme de Champanhe] minha caríssima mãe Lúcia obrigou-me a voltar à minha terra natal, porque, depois da entrada de meu pai Berengário para a vida monástica, ela se dispunha a fazer o mesmo<sup>72</sup>.

Logo após derrotar o seu então inimigo e conseguir a cátedra da escola de Paris, Abelardo viu-se obrigado a retornar à sua terra natal. É possível notar um padrão nessas passagens. Em períodos distintos de sua vida, Abelardo relatou que se viu obrigado a se retirar do cenário parisiense logo após conquistar aquilo que mais almejava, o cargo de mestre de escola da cidade. O historiador francês Robert-Henri Bautier percebeu uma interessante coincidência ao fazer um estudo na década de 1970 sobre a cidade de Paris no século XII<sup>73</sup>. Segundo ele, os momentos em que Abelardo se retirou de Paris correspondem aos períodos em que a família Garlande perdia espaço em meio a uma “guerra de clãs” por cargos na casa real francesa. Em determinado momento da *Historia Calamitatum*, Abelardo escreveu:

Estevão que era, então, o tesoureiro da corte, chamando o abade e seus conselheiros para um acordo, perguntou-lhes por que queriam reter-me contra minha vontade, podendo com isto, sem nenhuma utilidade, facilmente provocar um escândalo, uma vez que minha vida e a deles de modo algum podiam adaptar-se<sup>74</sup>.

O tesoureiro da corte nesse período era Estevão de Garlande, um dos mais influentes membros dessa família. Ele chegou a ser chanceler dos arranjos domésticos de Luís VI e também seu mordomo-mor real. Ainda não é sabido como Abelardo e Estevão se aproximaram, mas nessa passagem tudo indica que foi Estevão quem intermediou o conflito entre Abelardo e os monges de S. Denis. Segundo Bautier, os períodos em que Abelardo se retirava de Paris coincidiram com as ocasiões em que a influência de Estevão retrocedia. Nesse sentido, é possível supor que Estevão tenha sido uma espécie de bem-feitor de Abelardo. Isso explicaria como ele teria conseguido montar sua escola sendo tão jovem e aponta para um Abelardo dependente da proteção política de seus aliados. Portanto, o estudo de Bautier é um poderoso argumento contra a suposta sinceridade de Abelardo, embora ainda hoje alguns historiadores tomem ao pé da letra tudo o que foi narrado na *Historia Calamitatum*.

<sup>72</sup> “*Dum uero hecagerentur, karissima mihi mater mea Lucia repatriare me compulit; que uidelicet post conuersionem Berengarii patris mei ad professionem monasticam idem facere disponebat*”. Idem, p.14.

<sup>73</sup> Cf. BAUTIER, Robert-Henri. “Paris au temps d’Abélard” in JOLIVET, J. et al. (éds.) *Abélard en son temps : actes du colloque international organisé à l’occasion du 9e centenaire de la naissance de Pierre Abélard*. Paris : CNRS, 1981, pp. 21-77.

<sup>74</sup> “*Stephanus quippe registunc dapifer, uocato in partem abbate et familiaribus eius, quesiuitabeis cur me inuitum retinere uellent, ex quo incurrere facile scndalum possent et nullam utilitatem habere, cum nulla tenus uita mea et psorum conuenire possent*”. PEDRO ABELARDO. *H.C.*, p. 78.

## Considerações finais

Os séculos XI e XII são, inegavelmente, um ponto de virada na história da Idade Média. A sociedade foi marcada por profundas transformações em praticamente todos os campos de sua existência. Foi um momento de forte crescimento agrícola, tanto no que diz respeito à produção quanto à sua diversidade, de tal modo que poder-se-ia falar em uma revolução.<sup>75</sup> O aumento da produção alimentícia foi acompanhado de muito perto por uma explosão demográfica que esteve associada a um intenso desenvolvimento econômico, um florescimento comercial que contava com uma produção de prata superior aos períodos mais recentes, fosse ela cunhada como moeda ou não<sup>76</sup>. A sociedade passava, então, a ser, dentro de seus próprios limites, mais móvel e competitiva<sup>77</sup>.

No âmbito religioso, as transformações foram tão intensas quanto. A Cristandade passou a buscar em Cristo uma figura mais humana. Ele deixava de ser visto como um juiz temível e “apenas” a Segunda pessoa da Trindade<sup>78</sup>. Nessa passagem de atenção da divindade para a humanidade de Cristo, Sua vida se tornou um exemplo de conduta. Isso não se deu somente de um ponto de vista cotidiano e individual, mas também no que diz respeito à Igreja enquanto instituição. Pode-se falar num verdadeiro movimento de reforma eclesiástica, em que se buscava uma pureza perdida. Começou-se um combate incisivo pelo fim da venda de cargos eclesiásticos e pela moralização dos seus representantes. Esse movimento, que é visto como o de uma reforma eclesiástica, surgiu em fins do século XI e em meados do XII se submeteu cada vez mais, e nas mais diversas frentes, ao controle da cúria papal. Nesse período, o papado era visto como o centro difusor de uma nova atitude perante o mundo, que buscava corrigir de modo rigoroso comportamentos que violaram os preceitos cristãos e a autoridade eclesiástica.

Retomemos à fala de Étienne Gilson que iniciou esse texto. Parece-nos improvável que um único documento seja capaz de definir um século tão efervescente quanto foi o XII. Por outro lado, no entanto, parece-nos certo que a correspondência de Abelardo e Heloísa, ou, mais especificamente, a *Historia Calamitatum* é tão complexa quanto o século ao qual é atribuída. Se Pedro Abelardo foi uma figura polêmica para seus contemporâneos, sua suposta carta em tom autobiográfico ainda é igualmente controversa para a posteridade. O que buscamos demonstrar nesse breve artigo é que

---

<sup>75</sup> CONSTABLE, Giles. *The reformation of the twelfth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 300.

<sup>76</sup> É incontestável, entre a historiografia, todos esses avanços. Entretanto, Susan Reynolds é uma das poucas a propor um questionamento ainda sem respostas: porque todos esses tipos de mudanças ocorreram em algum momento no século XII e como elas estavam conectadas? Trata-se de um tema que precisa ser melhor estudado. REYNOLDS, Susan. *Fiefs and Vassals. The medieval evidence reinterpreted*. Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 482.

<sup>77</sup> CONSTABLE, Giles. *The reformation of the twelfth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.301

<sup>78</sup> DALARUN, Jacques. *Amor e celibato na Igreja medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 90; VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: (século VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pp. 730 – 731.

problemático o estudo da *Historia Calamitatum* pode ser. De qualquer modo, ainda é possível que o historiador consiga fazer uma análise proveitosa a partir dela. À guisa de conclusão, pretendemos apontar um possível caminho de estudo.

Ao lidar com a *Historia Calamitatum*, é preciso ter em mente que, além de se consistir em uma narração cronológica de eventos muito bem selecionados, cada interpretação a respeito de sua intencionalidade dá um sentido distinto a essa seleção. A escolha dos fatos pertencentes à narrativa foi uma produção consciente e sistemática de seu autor. Estamos diante de uma narrativa que buscou, em vários momentos, aproximar as calamidades do protagonista a de célebres figuras cristãs. Ao produzir esta memória, o autor buscou legitimá-la, aproximando-a da memória histórica religiosa. Desse modo, e isso precisa estar muito claro, seu conteúdo não deve ser tomado literalmente. É preciso assumir a ficcionalidade não só das autobiografias, como daqueles textos em tom autobiográfico, já que ambos exploram o tempo individual e não o do calendário. A verdade, nesse gênero, é subjetiva. Ela não segue padrões e rigores de um texto historiográfico, por exemplo<sup>79</sup>.

Nesse sentido, uma possível solução para se trabalhar com a *Historia Calamitatum* pode ser encontrada na própria obra de Abelardo. Durante a década de 1120 e início de 1130, ele se dedicou à organização de uma obra intitulada *Sic et non*. Trata-se de um livro composto por mais de uma centena de questões em que Abelardo coletou diversas passagens da Bíblia ou dos Pais da Igreja que, aparentemente, pareciam responder de maneira contraditória essas questões. Estudiosos defendem que essa obra era um conjunto de exercícios para que jovens estudantes aprendessem a lidar com aparentes discrepâncias a partir do método dialético<sup>80</sup>. Em seu prólogo, apresenta-se um método de análise e Abelardo postulou aquilo que entendemos ser a linha mestra da investigação para a *Historia Calamitatum*: “duvidando chegamos ao questionamento, questionando percebemos a verdade”<sup>81</sup>. Não queremos dizer com isso que exista uma verdade definitiva e alcançável em História, mas é preciso duvidar e questionar tudo o que encontramos na *Historia Calamitatum* a fim de que se possa construir uma narrativa historiográfica minimamente verossímil.

---

<sup>79</sup> POPKIN, Jeremy D. *History, historians, and autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005, pp. 13, 17 e 42.

<sup>80</sup> Cf. FICHTNEAU, Heinrich. *Heretics and Scholars in the High Middle Ages 1000-1200*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 1998, pp. 227-228; e MEWS, Constant J. *Abelard and Heloise*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 216.

<sup>81</sup> “*Dubitando quippe ad inquisitionem uenimus; inquirendo ueritatem percipimus*” PEDRO ABELARDO. *Sic et Non*. Editado por B.B. Boyer e R. McKeon em *Peter Abailard, Sic et Non: A Critical Edition* Chicago, University of Chicago Press, 1978, p. 105.